

---

# Quatro notas sobre a literatura na internet

*Regina Dalcastagnè*

Professora de Literatura Brasileira / UnB

---

## **I - A qualidade nasce da quantidade: mas onde encontrá-la?**

Imaginemos um escritor iniciante imaginando o paraíso. Seria um lugar onde todos pudessem publicar, sem depender da aprovação de editoras e sem o investimento de grandes quantias; um lugar de onde cada texto alcançasse, potencialmente, o mundo todo. Está claro: o paraíso já existe. O paraíso do escritor iniciante é a internet.

É praticamente impossível mapear toda a produção literária presente na rede – e aqui se está falando apenas da prosa de ficção brasileira atual. São centenas de *sites*, cada um deles com dezenas e dezenas de textos, e a cada dia surgem mais. Uma vez que as novas gerações têm mais facilidade com a internet, os autores virtuais costumam ter vinte e poucos anos, são estudantes universitários ou estão se iniciando no mercado de trabalho. Escrevem sobre amor, sexo, um pouco de ficção científica. O tom é coloquial, humorístico e, quase sempre, intimista; a fronteira entre diário pessoal e literatura nem sempre está traçada. Há outra característica comum: via de regra, são muito ruins. Paraíso dos escritores, a internet parece ser também o pesadelo dos leitores.

Duas são as explicações possíveis, e complementares, para este fato. Em primeiro lugar, a facilidade de publicação elimina qualquer

filtro que garanta uma qualidade mínima ao que vem a público. Sempre são lembrados os editores obtusos que recusaram, seguidas vezes, publicar o *Ulisses*, de Joyce, ou *Em busca do tempo perdido*, de Proust. Mas, por outro lado, as editoras rejeitam montes de lixo em forma de literatura; com suas recusas, podem estimular o aprimoramento dos talentosos (e a desistência dos ineptos). Na internet, nenhum texto é tão ruim que não mereça um *link*. Tanta facilidade leva à falta de autocritica, à autocomplacência. Não é necessária sequer uma segunda leitura do que foi escrito. Os textos saem quentes, da pena – ou melhor, do teclado – de seus autores para a publicação virtual.

É claro que, em algum grotão da rede, pode espreitar um novo Joyce ou Proust. O problema – e aí está a segunda explicação – é que não há como descobri-los. A avalanche de material é tanta que joio e trigo caminham necessariamente juntos. *Sites* com aparência respeitável, que se apresentam nos mecanismos de busca como celeiros de novos talentos, podem se revelar como sendo pouco mais do que jornaizinhos de escola *high-tech*.

## **II - Disponível para o mundo, mas falando para a turma**

E, como nos velhos jornaizinhos escolares, os textos costumam sofrer de uma ausência absoluta de interesse para além da turma que organiza a brincadeira. Pululam “contos” auto-centrados, escritos em primeira pessoa, e que relatam uma tarde cinzenta, um encontro fortuito ou uma desilusão qualquer, tudo num tom grandiloquente e vazio: “A solidão viciou-me. Deixou-me tão entorpecido que defenestrara todo o meu senso de agregação. Fez recolher-me tanto que comecei a acreditar na normalidade da situação. Eu cria que todos eram assim e assim se davam por (in)satisfeitos. Os olhares eram apenas curiosidade, nada mais. As mulheres, os olhares das mulheres me eram estranhos. Eram olhares sem apelo, ou pelo menos eu havia perdido a minha sensibilidade

---

para os olhares desejosos. Falta de prática” (“Sábado”, conto em [www.txtmaganize.com](http://www.txtmaganize.com)).

Outra fórmula bastante comum é de um humor canhestro, muitas vezes grosseiro, que pretende escandalizar um leitor que, na verdade, já está familiarizado e enfadado pelos programas de auditório de televisão. A história de um homem com um pênis diminuto, a de outro que odiava anões, a da moça que era torturada pela mãe. Nenhuma das personagens, quando o autor ainda mostra a intenção de construir uma personagem, chega a adquirir existência. São apenas nomes, ou sombras, que circulam de um lado para o outro em função de uma piada sem graça, de uma idéia que não se concretiza. É que escrever um bom conto, onde pulsa um pedaço da vida, dispense energia, talento, técnica e tempo.

### **III - Novo meio para velhas fórmulas**

Fora isso, também não se encontra entre os jovens autores virtuais qualquer empenho para adaptar a linguagem literária ao novo meio. As potencialidades do hipertexto – que permitiriam, por exemplo, a construção de vários níveis de leitura – não chegam sequer a ser exploradas. (Ainda é um livro de papel, *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar, quem melhor nos dá um vislumbre destas possibilidades.) Em suma, ainda falta muito para que esse paraíso imaginado se constitua como um espaço relevante de experimentação literária.

### **IV - O discreto charme do papel**

*Sites* com contos – ou romances, poemas, crônicas – são apenas uma das alternativas que a internet abre para a literatura. Outra é o chamado *e-book*, o livro que é “puxado” pela rede e pode ser impresso, lido no próprio computador ou, em alguns casos, transferido para equipamentos específicos e ainda pouco populares. Os otimistas vêem aí uma oportunidade de brutal barateamento dos custos de produção

industrial do livro, sem falar na distribuição. As livrarias fechariam as portas, mas qualquer *laptop* no meio da Amazônia teria acesso a todas as edições do mundo. E nenhum título estaria esgotado.

Algumas experiências já podem ser testadas. A Catatau Editora ([br.geocities.com/catatau\\_editora/index.html](http://br.geocities.com/catatau_editora/index.html)) disponibiliza na rede, de graça, *Às moscas, armas!*, novo livro de contos de Nelson de Oliveira. Para lê-lo e imprimi-lo, é necessário o *software* Acrobat Reader, que também está disponível para *download* grátis. Nelson de Oliveira é um escritor “de verdade”, um dos melhores contistas da nova geração, premiado com o Casa de las Américas, publicado por editoras do porte da Companhia das Letras. Seu *Às moscas, armas!* é bem diagramado e, uma vez impresso, ganha um aspecto bastante legível. Mas não é um livro. Não está encadernado, é difícil de manusear, não dá para guardar na estante. Também é mais fraco do que as outras obras do autor, o que talvez não seja mero acaso: os livros “reais” podem merecer mais cuidado, o autor pode destinar para edições materiais aquilo que produz de melhor.

Do lado dos leitores, o fato é que ainda há muita resistência ao livro via internet, como recentemente comprovaram dois escritores consagrados, um no Brasil, outro nos Estados Unidos. Stephen King, o autor dos *best-sellers* de terror, interrompeu a publicação de seu folhetim eletrônico devido ao reduzido número de internautas pagantes. E João Ubaldo Ribeiro viu fracassar o lançamento de seu romance via internet, *Miséria e grandeza do amor de Benedita* ([www.submarino.com.br](http://www.submarino.com.br)). Apesar do preço reduzido – apenas R\$ 3,80 –, menos de 7 mil cópias virtuais foram vendidas. Um número de fazer babar qualquer autor iniciante, mas decepcionante para Ribeiro, cujo título anterior em papel, *A casa dos budas ditosos*, chegou aos 100 mil exemplares. Meses depois, *Miséria e grandeza do amor de Benedita* chegou às livrarias, no formato

---

tradicional, por R\$ 18,00.

Enfim, longe de ser a galinha dos ovos d'ouro de editoras, que assim se livrariam de gráficas, distribuidores e livreiros (ou mesmo dos escritores, que poderiam se livrar até das editoras), o *e-book* enfrenta a resistência do leitor, ainda apegado ao velho objeto de papel. É bem verdade que a luta está longe de terminar, mas, até agora, Gutemberg venceu todos os *rounds*.